

POSSIBILIDADES DE ENSINO APRENDIZAGEM DA OBRA DE ARTE NA SALA DE AULA.

Alexandre Zicardi¹, Lilian Maria da Silva Brito², Prof.Dr. Ronaldo Alexandre de Oliveira³

¹Univap/ISE, Av. Ouro Fino 2341 – Bosque dos Eucaliptos – São José dos Campos – SP.

²Univap/ISE, Rua Lima Duarte, 254 – Bosque dos Eucaliptos – São José dos Campos – SP.

³Univap/ISE, Rua São Diego, nº. 601 Aptº 22 B - Jd. Califórnia – Jacareí – SP.
alezi_10@yahoo.com.br roliv@univap.br. lilianbrito_sud@yahoo.com.br.

Resumo - Este artigo tem como propósito discutir as possibilidades de ensino e aprendizagem da obra de arte, tendo a imagem como fio condutor. O recorte que fazemos aqui está inserido dentro de um contexto e estudo mais amplo realizado a partir da obra *Retirantes* (1944) de Cândido Portinari. Nela, buscamos compreender a imagem de uma maneira interdisciplinar, onde utilizou-se como referencial teórico, os estudos e roteiro de leitura de imagem sugeridos por Franz (2003), Trevisan (2002), e Foerste (1999), assim como nos documentos oficiais, Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), somou-se as discussões sobre o ensino da arte, os estudos sobre a leitura da imagem, incluindo-se aqui a leitura da obra de arte. Os resultados nos mostram a necessidade da escola repensar o conceito de alfabetização, incorporando a dimensão da visualidade, assim como criar estratégias para uma educação visual eficaz.

Palavras-chave: Compreensão, Imagem, Educação, Métodos.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Educação, Artes

Introdução

Este artigo tem como propósito discutir as possibilidades de ensino e aprendizagem da obra de arte, tendo a imagem como fio condutor. O recorte que fazemos aqui está inserido dentro de um contexto e estudo mais amplo realizado a partir da obra *Retirantes* (1944) de Cândido Portinari. Nela, buscamos compreender a imagem de uma maneira interdisciplinar, onde utilizou-se como referencial teórico, os estudos e roteiro de leitura de imagem sugeridos por Franz (2003), que propõe uma leitura sistematizada para uma compreensão crítica da obra de arte e da imagem. Para tanto, é proposto um trabalho articulado em cinco âmbitos, a saber: âmbito pedagógico, crítico-social, antropológico, biográfico e estético.

Segundo (Trevisan 2002), a Pedagogia deveria nutrir uma maior preocupação com a preparação de procedimentos educativos, voltados à decodificação e interpretação das imagens culturais na formação. Por outro lado Franz (2003) nos mostra que não só a leitura dos elementos da linguagem visual deve estar presente, mas também que trabalhemos a contextualização. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), há um espaço vazio no que se refere à compreensão do que se convencionou chamar de leitura da imagem, ou leitura da obra de arte.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida pelo terceiro período de pedagogia, turma “A”, onde a pesquisa maior centrou-se na análise da obra *Retirantes* (1944) de Cândido Portinari, onde foi utilizado como referencial teórico os pressupostos de Franz (2003), somado a esse referencial, posteriormente buscamos também compreender as imagens e seus usos iluminados pelo pensamento de Trevisan (2002), Barbosa (2001), Foerste (1999), Penna (1995), Martins (1994) e pelos PCN's-Arte (1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a imagem numa dimensão interdisciplinar é poder buscar em todo seu processo construtivo, não só aquilo que ela nos apresenta visualmente, mas também o contexto, o local onde ela foi pensada, idealizada, gerada. Considerando que, em uma obra de arte, existe muito mais a ser trabalhado do que seu aspecto visual, faz-se necessário uma abordagem que não restrinja a leitura somente a uma decodificação dos elementos da linguagem visual, mas também toda a história que ela é capaz de trazer consigo, independente do tempo onde ela foi criada. Quando refletimos sobre as possibilidades

pedagógicas de uma obra de arte, ou mesmo o que se espera que os alunos aprendam sobre a imagem, pode-se pensar e abordar diferentes assuntos, dependendo do público a que se destina ou aqueles com quem estivermos envolvidos naquele dado momento. Partindo da obra *Retirantes* (1944), de Candido Portinari, objeto da nossa investigação, podemos pensar as dimensões sociais e os problemas que são relacionados ou mesmo que podemos associar, tais como: Fome, Migração, Desemprego, Favelização, Desfavelização, Qualidade de vida.

Pode-se também pensar nas questões estéticas a serem exploradas na obra de arte, nos aspectos biográficos e bibliográficos do autor, dentre outros, o importante é o educador ter clareza do seu objetivo ao lançar mão desta obra ou de qualquer outra obra/imagem que ele venha abordar no contexto de sala de aula.

Segundo (Trevisan 2002), precisamos resgatar o poder das imagens, trabalhar sobre a possibilidade de uma “educação pela imagem”, com o intuito básico de renovar a discussão da área dos fundamentos da educação, incorporando a base estética do conhecimento, por intermédio da hipótese de discussão de um caminho imagético de análise. No seu livro *Pedagogia das Imagens Culturais: da Formação Cultural à Formação da Opinião Pública* (2002), temos a idéia de que a Pedagogia deveria nutrir uma maior preocupação com a preparação de um conjunto de procedimentos (métodos, técnicas e conteúdos) educativos, voltados à interpretação ou decodificação (e, se possível, produção) de imagens culturais na formação.

Essa Pedagogia tem como fonte de inspiração a leitura de imagens da formação cultural, presente em diferentes discursos, os quais buscam legitimidade no contexto filosófico e pedagógico, com o intuito de preparar o indivíduo para conviver na sociedade pós-moderna. Por outro lado Franz (2003), também nos apresenta a idéia de que necessitamos de uma arte-educação pós-moderna, uma leitura de imagens, onde não só a leitura dos elementos da linguagem visual esteja presente, mas também que trabalhem a contextualização.

Para Barbosa (2001:27) Não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal. Nesta mesma direção, encontramos também as idéias de Foerste (1996), que está em consonância com o pensamento dos autores que trazemos e desenvolvemos até aqui.

Pesquisas ainda se fazem necessárias para identificar outras tendências na interpretação da imagem. Pode-se perceber que permanecem

lacunas no que se refere ao referencial advindo das ciências sociais, necessário à leitura das imagens. Porém, alguns aspectos já podem ser apontados pela presente pesquisa, visando ao estudo da imagem em sala de aula:

- a) a leitura pressupõe uma prática analítica que extrapola a idéia da reprodução, limitada ao fazer artístico;
- b) a imagem na sala de aula pode oferecer elementos de discussão que não se restringem ao aspecto ilustrativo ou à visualidade aparente;
- c) ao ensino de arte cabe promover o debate e ampliar os referenciais de análise de imagens na escola;

A possibilidade de uma abordagem mais abrangente do fenômeno imagístico está posto em compreendê-lo como uma particularidade, o que nos leva a indagar primeiramente aos alunos se conhecem a imagem e/ou o autor da obra (sondagem de conhecimento prévio), assim como o que sentem com relação a imagem, o que ela lhe desperta, a qual contexto ela pertence, as perguntas estão atreladas aos objetivos que o professor quer alcançar. Caso o educador tenha interesse em trabalhar os fatos históricos, geográficos ou mesmo políticos, pode-se procurar na imagem ou na obra de arte indícios que revelem a data, local e situação sócio-política da época.

Quanto a melhor maneira de se apresentar fisicamente a obra, não há uma maneira dita como adequada, o que mais importa é que a cópia seja a mais fiel possível à original, podendo ser grande o suficiente para que todos possam vê-la de longe, ou menores para serem entregues individualmente. Alguma “nova” tecnologia pode ser utilizada, como por exemplo: o retroprojetor, slides, vídeo ou mesmo data show, considerando o mesmo cuidado em relação à fidelidade e qualidade do material. O professor deve ter o cuidado de pensar nos dispositivos que a escola tem para ele trabalhar, para que não idealize situações irrealizáveis.

Uma outra questão bem evidente no estudo de obras de arte é a diferença de compreensão, ou mesmo interpretação, de aluno para aluno. Nesse aspecto os indivíduos diferem uns dos outros (e em vários outros), pelo grau de desenvolvimento cognitivo, experiências sociais e exposição à cultura. Conseqüentemente, o motivo das compreensões mais complexas é, com certeza, o ambiente cultural, que possibilita exposição maior à cultura, favorece o interesse e apreciação das obras de arte.

Roteiros de apreciação estética e crítica da obra de arte podem ser utilizados para uma sistematização mais significativa da imagem, como exemplo, apontamos o roteiro intitulado sistema de crítica e apreciação da obra de arte, de autoria de

Robert Ott. O Roteiro proposto por Ott é caracterizado por cinco etapas, onde, primeiramente o arte/educador propõe aos alunos a descrição da obra de arte/imagem, seguido das ações de analisar, interpretar, fundamentar e revelar.

Mais informações podem ser encontradas em sites especializados, museus, livros, exposições fixas ou itinerantes, e isto faz parte da formação e disposição do educador em buscar e cuidar da sua auto formação. Acreditamos que cabe a escola realizar esta aproximação do aluno com os artefatos culturais e com o conhecimento que foi construído pela humanidade ao longo da sua trajetória, cabe a escola incorporar no seu currículo maneiras e estratégias de alfabetização visual.

Penna (1995), nos alerta o quanto passa pela responsabilidade da escola as possibilidades de acesso, aos modos de apreciação e apreensão da obra de arte, discorrendo sobre esta questão ela nos diz que: "Mas o fato é que ninguém gosta, se interessa ou procura por algo que não consegue compreender (...) se o interesse depende da capacidade de compreensão, a distância que o povo brasileiro mantém das formas de arte, principalmente daquelas ditas eruditas, é gerada pela falta de referenciais adequados, que permitem apreender as linguagens artísticas como significativas. (Penna 1995:19)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos teóricos estudados podemos compreender com mais amplitude a leitura da imagem e da obra de arte. Pode-se constatar o quanto a leitura e compreensão dependem de um efetivo trabalho de alfabetização visual, sendo que, cabe a escola incorporar no seu currículo um programa que privilegie este exercício da leitura, para que tenhamos alunos alfabetizados numa dimensão mais ampla. Mais do que nunca, numa sociedade que se vê marcada pelos códigos visuais, cabe realmente a escola repensar as formas pelas quais ela foi formando seus alunos ao longo dos séculos, repensar inclusive o conceito de alfabetização, de um alfabetizar que se restringia, a saber, assinar o nome, apenas decodificando os signos lingüísticos para uma alfabetização que incorpore nas suas práticas a compreensão imagética, digital, sonora, uma alfabetização que abarque a dinâmica e fluxo vertiginoso das imagens em movimento e também das diferentes realidades apresentadas pelos grandes centros urbanos. Uma alfabetização que tenha realmente um valor social, que ela sirva para que cada um possa ler compreender e transitar livremente pelo mundo, de forma crítica, sensível e participativa, realmente com autonomia.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. A Imagem do Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FERRAZ, Maria Heloisa C. de Toledo e FUSARI, Maria F. de Resende. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992.
- FRANZ, Terezinha Sueli. Educação para uma Compreensão Crítica da Arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.
- PENNA,
www.diarionaescola.com.br
www.novaescola.com.br